

Explosão de sentidos, desejos e recalques

*Uma resenha de Ivan Messias**

*Os capítulos da obra **Διασπορά** encerram suas narrativas como se as iniciassem. São frases introdutórias no final do capítulo, mas que perfeitamente seriam encaixadas no momento inicial do episódio.*

Grande parte dos capítulos termina começando; parecem estar fragmentados, já que compõem núcleos narrativos independentes.

Mesmo o Prólogo aparentemente ingênuo pode ter parágrafos cortados, copiados, encaixados em outros diferentes parágrafos dos demais capítulos, encaixados conforme as exigências de cada ambiente, fato e conflito.

O narrador faz ciência narrativa mostrando descrições históricas de suas pesquisas e conexões entre personagens. Se a teia dramática é simples e plana, se o tempo de tensão nas interações pessoais é breve, a pesquisa histórico-argumentativa é densa. Longa é a didática iconoclasta.

O objetivo da narrativa é conceder maior tempo ao leitor para evitar paixões, para evitar digressões das tradicionais fórmulas de panoramas já gastos como “O dia era manhã cinza e arranha-céus” ou “Aquele jardim onde pássaros cantavam.” Em vez disso, os coloquialismos e onomatopéias testemunham o rigor da observação do cotidiano, da atenção à cultura e aos rituais contemporâneos.

A observação aponta manobras psíquicas antiqüíssimas, as quais são lançadas na iminência de disputas infinitas por várias motivações.

Cada capítulo mostra diferentes núcleos temáticos, tempo, espaço, interesses diversos, cujos aspectos espaço-tempo requerem atores centrais que correspondam ao sopro do local e do momento vivenciado por cada personagem.

Há inúmeros protagonistas com peculiar responsabilidade por suas ações.

É um projeto previamente delineado. Antevisão do cenário, início, meio e fim existem para alguns personagens, não para todos.

A clássica receita do início-meio-fim é intencionalmente rejeitada para a adoção de início, meio, fim-começo como num círculo no qual são negligenciados o resultado esperado e a resposta para a trama.

A trama não tem solução; isso desencanta a expectativa do(a) leitor(a), ávido(a) por resposta e final regular. O tempo é responsável pelo final do texto, mas a trama continua fora das páginas. Por isso não há respostas, o tempo continua fora da ansiedade racional do leitor e fora da diáspora.

Quem imagina como tudo deveria acabar está destituído de soberania e projeto para a diáspora externa à diáspora textual. Com a extinção do fim acabado, introduz-se o fim indesejado e, com ele, o incremento da ânsia do leitor, o desejo de imergir no texto e modificar a narrativa intencionalmente incompleta.

O juízo de valor depende mais do observador que do escritor-narrador.

O cenário migra de um bairro economicamente empobrecido na Bahia para São Paulo, para montanhas quem sabe sagradas no Peru.

A teia relacional é composta pelas atividades no movimento negro baiano, pelas eleições municipais na cidade de Salvador. Paralelo ao ser político, ritualístico e racional, o autor opta por relatar as explosões dos sentidos, desejos e recalques.

O humor narrativo não é gratuito, mas malicioso. Não é a cultura do riso o que se quer, senão o fazer rir esmurrando o baço.

O elogio não é gratuito, mas um riso pensando expor o tendão deficiente, almejando transpor a fase velha, a fase gasta dos saberes, das ações. O método em Διασπορά é o da exposição em prol da transposição — é humor e projeto.

Vislumbram-se alternativas, sem que sejam apresentadas ao leitor, para que ele construa mentalmente os novos caminhos pós-fase de fogo risonho que destrói as certezas das ideologias estagnadas seja pelo afrocentrismo, seja pelo democratismo absoluto euro-racialista, seja pelo feminismo plástico-artificial.

Διασπορά apresenta um narrador engajado mais com os horizontes cruzados a percorrer que com a verdade das tribos de concreto dos grupos social e politicamente constituídos. Por isso, o narrador ri de clichês dos grupos sócio-políticos, da religiosidade, da importação de modelos – acessórios artificiais que se dispersam do núcleo da questão: a luta pelos poderes, pela organização política.

O autor sonda, de modo amoral, as limitações e contradições das lideranças políticas, dos homens públicos, empresários, pessoas comuns - ninguém está imune à sondagem; *Διασπορά* se incumbe de singrar as estratégias recheadas de intenções meritocráticas e humanitárias; desdenha da velha política disfarçada de revolucionária e neodemocrática.

A constituição do cotidiano e do Estado, a variedade da sexualidade instável, as transições do desejo e perspectivas pessoais, a similaridade entre pequeno e grande poder.

Essa é trajetória da diáspora Brasil de povos vários, em trajetos cruzados para compor a nova civilização de antigos hábitos.

(*) Ivan Messias tem mestrado em Cultura e Sociedade pelo Pós-Cultura da UFBA, com projeto sobre a influência do hip-hop na educação não-formal. Tem formação em Filosofia e em Letras com Inglês. A presente resenha é de janeiro de 2011.